

ANDRADE, Ítala de A.; MAFALDA, Valdomiro G. O mapa mental como ferramenta no estudo do lugar. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

O MAPA MENTAL COMO FERRAMENTA NO ESTUDO DO LUGAR

ÍTALA LUZIA DE ANDRADE

Universidade Federal de Viçosa

itala.andrade@ufv.br

VALDOMIRO GUILHERME MAFALDA

Escola Rafaela Menicucci

vgmafalda@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A linguagem cartográfica deveria ser uma premissa para aulas de Geografia, no entanto o que observamos é a não utilização ou má utilização deste recurso em sala de aula. O estudante deveria aprender a ler e a produzir mapas da mesma forma como aprende a ler e a escrever. A noção de espacialidade está presente no cotidiano de todos e costumamos ter em mente um “mapa” dos lugares que freqüentamos – escola, universidade, lanchonetes, casa etc. Entretanto, por conhecer bem esses lugares nos movemos de um para o outro de forma inconsciente. A percepção do espaço e desses lugares aparece quando precisamos explicar para alguém como chegar a eles. É neste momento que exercitamos nossos mapas mentais. E o que torna esses espaços lugares são justamente as experiências que temos ao freqüentá-los. Mesmo que sejam sentimentos ruins, tornam-se lugares porque atribuímos significado a eles.

O que motivou a pesquisa apresentada neste trabalho foram questionamentos surgidos durante a observação das aulas de Geografia nas escolas em que tive contato enquanto PIBIDiana e estagiária. Observei que pouca atenção era dada aos conceitos estruturantes da Geografia, em poucas páginas dos livros didáticos, principalmente o conceito de lugar, e que a forma como o/(a) professor(a) trabalhava era proporcional ao conteúdo presente no livro, bem como a forma de avaliação.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa será entender o estudo do conceito de lugar através de mapas mentais na tentativa de incluir a linguagem cartográfica na interpretação do espaço. O que pretendemos descobrir e discutir é qual o entendimento de lugar que os alunos possuem quando precisam representá-lo. Para fazer isso eles precisaram antes de “desenhar” refletir sobre a concepção de lugar que possuem sem o

contato com o conceito sistematizado pela escola. Com a produção e depois exploração dos mapas e seus elementos podemos descobrir como a *representação espacial de próprio punho* pode contribuir para o aprender do conceito de lugar.

2. METODOLOGIA

Após a leitura e reflexão acerca do referencial bibliográfico, bem como da estruturação do projeto foi realizada uma reunião com o professor da escola em que a pesquisa foi aplicada. Nesta reunião o projeto foi apresentado a fim de esclarecer os detalhes da pesquisa. Com a pretensão de desenvolver uma estratégia que não causasse grandes mudanças no cotidiano escolar, nos certificamos de quando o professor trabalharia os temas estruturantes da geografia. Assim, de acordo com o planejamento escolar encaixamos o tema da pesquisa. Para isso foi importante acompanhar as aulas que antecederam a realização da pesquisa.

Na aula em que o conteúdo de lugar seria abordado levamos folhas A4 em branco, lápis de colorir, canetas esferográficas e giz de cera. Iniciamos a aula tentando investigar qual a concepção de *lugar* que os alunos possuíam sem terem tido contato com o tema em sala de aula. Assim, o comando foi construir um mapa mental destacando seus lugares na cidade.

Com a confecção dos mapas individuais, abordamos o conteúdo de lugar numa aula, que foi direcionada pela narração de uma história. Durante a narrativa os alunos foram desafiados a falar sobre seus desenhos e elementos representados, e o que os caracteriza como lugares. Durante a aula, também levantamos exemplos de lugares, que buscaram dialogar com a percepção de lugar que os alunos representaram nos mapas mentais. Isso foi possível porque num momento anterior buscamos conhecer a realidade sócio-espacial da escola, seu entorno e a cidade em geral. E a partir desta experiência inicial pautada na observação e vivência do espaço tentamos de forma e linguagem simplificada trazer o conteúdo para próximo dos alunos.

A última etapa se trata da análise dos mapas, onde procuramos levantar as coincidências e peculiaridades nas representações dos alunos. Por conseguinte, os dados da pesquisa através dos elementos que apareceram nos mapas, e confeccionamos gráficos para interpretação.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

3.1 A ESCOLA: OS SUJEITOS, O ESPAÇO FÍSICO E SUAS RELAÇÕES

A Escola Rafaela Menicucci, situa-se na cidade de Visconde do Rio Branco que é um município mineiro localizado na Zona da Mata Leste do estado de Minas Gerais. Sendo as coordenadas geográficas latitude 21° 00' 37" S e longitude 42° 50' 26" W. Segundo dados do ultimo censo do IBGE, 2013, possui 40.356 habitantes. Encontra-se aos pés da Serra de São Geraldo. Com altitude de 352m e área 241,2 Km². A cidade apresenta condições de tempo quente durante todo verão e inverno ameno, sem grandes quedas na temperatura.

A escola funciona desde o ano 1972 , e foi fundada por uma das famílias que administrava a já falida Usina São João Batista, no apogeu da indústria canavieira na cidade. O prédio onde funciona a escola, ainda pertence à mesma família. A escola nunca pagou aluguel do prédio, pois é uma escola filantrópica, sem fins lucrativos conveniada com o Poder Público Municipal. O mesmo prédio onde funciona a escola no período matutino, à noite torna-se espaço universitário, pois funcionam as instalações da Faculdade Presidente Antônio Carlos/FUPAC-VRB.

O corpo docente da escola conta com professores de diferentes faixas etárias, os professores de Geografia e Português são os mais antigos. A escola possui 18 funcionários, contando com os professores. O reduzido número é devido aos recursos disponíveis. Os livros didáticos utilizados são disponibilizados pela prefeitura. Quando o professor opta por utilizar outros meios didáticos disponibiliza-se xerox em copiadoras.

A escola atende uma média de 34 alunos por turma no ensino fundamental e 24 alunos por turma no ensino médio, sendo uma turma por série, do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Os alunos da escola pertencem a diferentes classes econômicas. Residem em diversos bairros da área urbana, além da zona rural e de cidades vizinhas.

Os alunos, estudantes, ou apenas freqüentadores da escola compõe o espaço escolar com a euforia de uma juventude em construção. Construção porque não são mais crianças pela idade, e até mesmo desenvolvimento corporal, mas ainda se encontram em transição com relação ao que é ser criança, o que é ser adolescente e o que é ser adulto. As meninas falam em namorados, faculdade, sair de casa. Os meninos até chegarem ao ensino médio parecem não se preocuparem em demonstrar que

creceram, correm de um lado pro outro e entram na sala de aula suados, o que irrita as meninas.

Quem olha de fora, pensa que os cabelos coloridos, os óculos quadrados, as roupas esquisitas são uma confusão, mas na verdade são símbolos criados pelos adolescentes para demonstrar uma série de sentimentos, mesmo que eles ainda não entendam o sentido disso. E no meio dessa confusão de identidades nos deparamos com alunos com problemas diferentes dos consideramos normais na adolescência

3.1 O MAPA (MENTAL) COMO FERRAMENTA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que a alfabetização cartográfica deve ser desenvolvida de forma que os alunos sejam capazes de analisar criticamente mapas, fotografias aéreas entre outros. O documento assinala que os alunos devem aprender a interpretar todos os elementos de um mapa, legenda, título, escala, fonte, projeção e orientação. E, além disso, que esta alfabetização parta da análise crítica e reflexiva para a produção de mapas. Entendemos que os estudantes não devem ser apenas leitores de mapas, mas também *fazedores* dos mesmos.

Os estudos sobre mapas mentais não tiveram início na Geografia e sim na Psicologia. Os pacientes elaboravam mapas cognitivos, a fim de listar lugares e objetos que faziam parte de suas vidas. Os psicólogos utilizam este método para identificar a história do paciente através das subjetividades presentes nesta representação de seu mundo. O primeiro psicólogo a utilizar esta ferramenta foi David Lowenthal que explica que a representação de mundo feita pelos pacientes se trata da forma como as pessoas espacializam e organizam as vivências, traumas, alegrias e encontros em lugares nos mapas cognitivos.

Segundo Dênis Richter, o primeiro trabalho acadêmico desenvolvido sobre mapas mentais no Brasil foi à dissertação de Nogueira (1994) - “Mapa mental: recurso didático no ensino de geografia no 1º grau”. A proposta foi de superar o problema da divisão da geografia entre duas ciências. A pesquisadora destaca a contribuição do mapa mental como recurso para integrar a Cartografia e a Geografia, nas atividades didático-pedagógicas do ensino fundamental.

Desde que os mapas mentais se tornaram objeto de nossa ciência, os pesquisadores da área de ensino em Geografia se apropriaram dos mapas como ferramenta pedagógica. Um deles é o já citado Dênis Richter, que é professor no curso

de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG) que nos traz a seguinte contribuição:

(...) partimos do pressuposto de entendermos o mapa mental como uma linguagem que engloba na sua representação elementos tanto do cotidiano e como dos saberes sistematizados (RICHTER, 2010). Olhar e analisar um mapa mental possibilita interpretar quais contextos estão em voga e são valorizados por um determinado grupo social e quais conhecimentos esses mesmos indivíduos possuem que lhes permitem identificar e ampliar suas leituras de mundo. (Richter, 2013)

É no sentido de sistematizar os saberes cotidianos e escolares que esse trabalho se estrutura. Buscaremos nos mapas mentais entender se os pontos que os alunos destacaram são realmente lugares para eles, mas o lugar de acordo como o conceito é concebido e assim estaremos relacionando os saberes cotidianos com os escolares a fim de analisar os mapas de acordo com a realidade dos alunos.

3.2 O LUGAR

O primeiro contato que temos com o mundo ao nascer são nossos pais. Antes de desenvolver a capacidade de locomoção o único “objeto” ao qual nos apegamos, é possivelmente uma pessoa. O aconchego dos braços de uma pessoa transmite a sensação de estar seguro, principalmente com a mãe, que através da amamentação cuida da alimentação da criança. Entretanto, uma pessoa não pode ser um lugar.

A capacidade de locomover pelo espaço, onde residem estas pessoas (no caso os pais) é que vai modificar a sensação de estar ali. Os órgãos sensoriais são extremamente importantes na relação que criamos com o mundo. É através deles que iremos experimentar os objetos que compõem o espaço e possivelmente atribuir algum valor.

Os animais possuem relações com o espaço que já foram observadas e estudadas. As condições em que um animal ou população se reproduz e se alimenta pode ser chamado de “nicho ecológico” e o lugar onde se encontra essas condições é o habitat, ou seja o lugar onde vivem. Entretanto, eles não atribuem signos a este espaço como os seres humanos.

Então, podemos refletir que, desde quando nascemos estamos agarrados a algumas pessoas e objetos. E são essas pessoas e objetos que vão dar significado a nossa vida. Como já observado, uma pessoa não pode ser um lugar, logo o espaço onde as nossas relações se dão com essas pessoas é que serão lugares para nós. O espaço em que

vivem as pessoas que proporcionam condições confortáveis de alimentação, descanso etc. enquanto não são somos capazes de nos orientarmos sozinhos, é o nosso primeiro lugar.

Segundo Yi-Fu Tuan o espaço é algo que representa liberdade, é algo mais abstrato, enquanto o lugar representa segurança, *é um centro calmo de valores*. Estamos apegados ao lugar, mas precisamos do espaço. O lugar representa uma classe especial de objeto, o que começa como um espaço indiferenciado pode se tornar a medida que o conhecemos, experimentamos e atribuímos valor em um lugar.

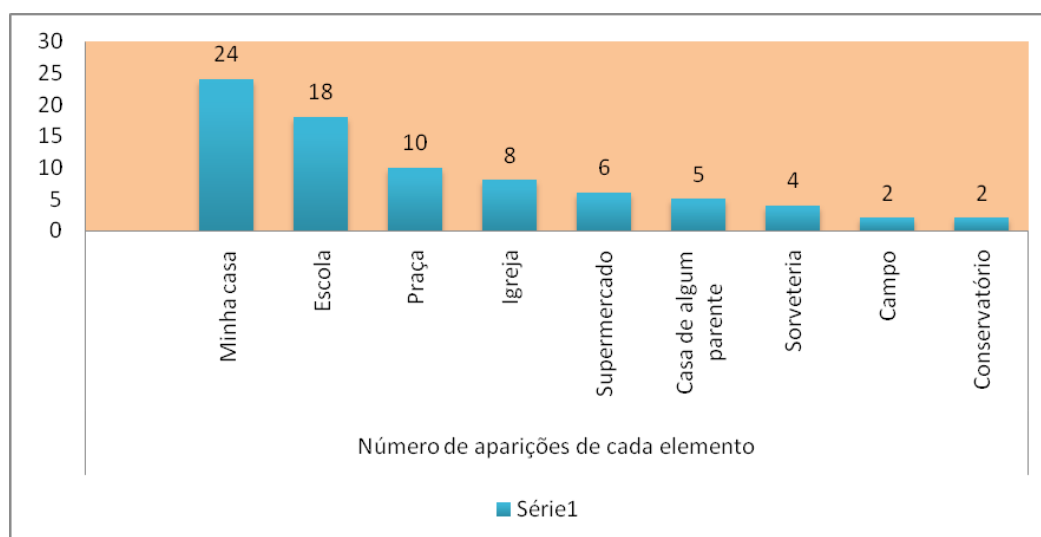
Conhecer o próprio lugar faz parte de algo muito maior, que é a construção da própria identidade. Pois, ao contrário do que se imaginava a evolução da globalização, bem como da sociedade em rede não foram capazes de homogeneizar completamente o mundo e as identidades. Essa estrutura globalizante também é excludente, num sentido econômico, e não insere todo o mundo nessa tentativa de homogeneização onde poucos enriquecem em detrimento de outros. Cientes disso, o conceito de lugar apresenta-se como importante forma reflexiva a respeito da realidade que compõe o cotidiano, as individualidades e a cultura. Conhecer e valorizar o lugar é extremamente importante num mundo dito moderno. No sentido de nos firmarmos mais diante do processo globalizante com o qual podemos nos relacionar conscientemente sem perder nossos valores.

3.2 OS MAPAS

A pesquisa foi realizada numa turma de oitavo ano do ensino fundamental. Dos alunos que participaram 11 são meninos e 16 são meninas, totalizando 27 desenhos. É importante destacar que só participaram da atividade proposta, os alunos presentes na aula. Os alunos tem em média 13 anos, não existem repetentes na turma. 13 alunos moram em bairros relativamente próximos ao centro da cidade, 10 alunos residem em bairros periféricos, 2 na zona rural e 2 em cidades vizinhas.

Afim de organizar a apresentação dos dados extraídos dos mapas mentais, compilamos no gráfico de barras, que se segue, em ordem decrescente os elementos que os alunos desenharam nos mapas. Iremos considerar para análise nesta pesquisa apenas 26 desenhos, pois um dos desenhos não havia qualquer indicação do que se tratava os elementos elencados pelo aluno.

FONTE: ANDRADE, I.L. 2014



O elemento mais destacado como lugar foi “Minha casa” 25 alunos apontaram a casa como lugar, ou seja, em 96% dos desenhos. Apenas um aluno não considerou a casa dos pais como lugar, pois este mora com a avó. O fato de a maioria dos alunos considerarem o lar como lugar era algo já esperado, uma vez que este é um *lugar íntimo*. Onde acontecem nossas primeiras relações com o mundo, onde nossas necessidades de alimentação, descanso e carinho são satisfeitas.

Ao recordarmos de nossas casas não pensaremos de imediato no que pode ser visto, evocaremos cheiros e objetos que podem ser tocados, remeteremos aos nossos órgãos sensoriais. O que Tuan certifica “*A casa como lugar está cheia de objetos comuns. Nós os conhecemos através do uso; não lhes prestamos atenção. Eles são quase uma parte*”

FIGURA 6: ESCOLA, PRAÇA E SORVETERIA

os parecem fazer parte de nós mesmos tem extrema importância, pois todos os dias utilizamos objetos e agimos com naturalidade a estas ações, entretanto se tirarmos algum objeto do lugar notaremos que uma parte de nós está perdida. Na ausência é que notamos a importância do que antes acontecia de forma inconsciente. O mesmo ocorre com as pessoas. As pessoas que moram conosco, fazem parte daquele todo, da casa, dos objetos que pertencem a elas, quando uma pessoa não está mais presente naquele ambiente é como se uma parte de nós não existisse mais.

Entre os desenhos que destacaram a casa como lugar, é válido comentar sobre dois que chamam atenção. Um dos desenhos considerou apenas a própria casa como lugar, o que pode demonstrar a centralidade que o lar possui na vida deste aluno, FIGURA 3. Em outro o aluno desenhou sua casa como a “Casa Branca” o palácio

presidencial onde reside o Presidente dos Estados Unidos da América. Ao questioná-lo durante a aula sobre o desenho, ele disse que se identifica com o atual presidente Barack Obama, pois ele é negro como o aluno, FIGURA 2.

Ainda na categoria casa, podemos observar que em 5 mapas os estudantes consideraram como lugar a casa de algum parente. Uma observação pertinente a se fazer é que estamos falando de uma cidade pequena, onde as pessoas se encontram com facilidade e mantêm laços familiares constantemente. Provavelmente a mesma representação não ocorreria com facilidade se o mapa fosse produzido por estudantes que vivem em uma grande cidade. Pois, numa cidade grande a escala de análise seria muito maior. As pessoas geralmente necessitam percorrer grandes distâncias para visitar as pessoas o que dificulta o estreitamento dos laços familiares, FIGURA 4.

O segundo elemento que mais representado nos desenhos foi a escola, 18 alunos consideraram a escola como lugar, em 67% dos desenhos ela aparece. A maioria dos alunos utilizou como rota para representar seus lugares o caminho de casa para escola. Típica representação escolar. A representação da escola como lugar é devido ao fato de que na escola que passamos grande parte nossas vidas. Na escola que conhecemos muitas pessoas diferentes, onde fazemos grandes amigos, onde sistematizamos nossos saberes. É nesse ambiente que trocamos importantes experiências com os colegas, professores e funcionários. Brincamos, corremos, conversamos, brigamos e onde possivelmente os primeiros romances de nossa vida podem florescer. Na escola, por mais que seja um ambiente destinado ao aprender, e que às vezes seja *contrariador* fazer parte dela, este espaço torna-se um lugar porque atribuímos diferentes tipos de sentimento a ela, FIGURA 6.

Para análise dos elementos que se seguem nas barras do gráfico tomaremos como norteadora a seguinte consideração de Tuan “*A arte e a arquitetura buscam visibilidade. São tentativas de dar forma visível aos estados de espírito, sentimentos e ritmos da vida diária. A maioria dos lugares não são criações deliberadas, pois são construídas para satisfazer necessidades práticas.*” (P.184). É nesse sentido que praça, sorveteria, supermercado, campo de futebol e conservatório de música aparecem nos desenhos.

Estes ambientes são lugares criados para satisfazer necessidades práticas da vida cotidiana. Por exemplo, a praça, FIGURA 6 e 7, que no caso é a Praça 28 de Setembro aparece em 10 desenhos, é um espaço criado para o lazer, seria o lugar do encontro. Como se trata de uma cidade pequena como Visconde do Rio Branco, quase tudo

acontece ou passa pela praça. As pessoas ainda têm o costume de passear na praça, e é justamente nela que acontecem os maiores eventos da cidade, carnaval, desfiles festas da igreja etc.

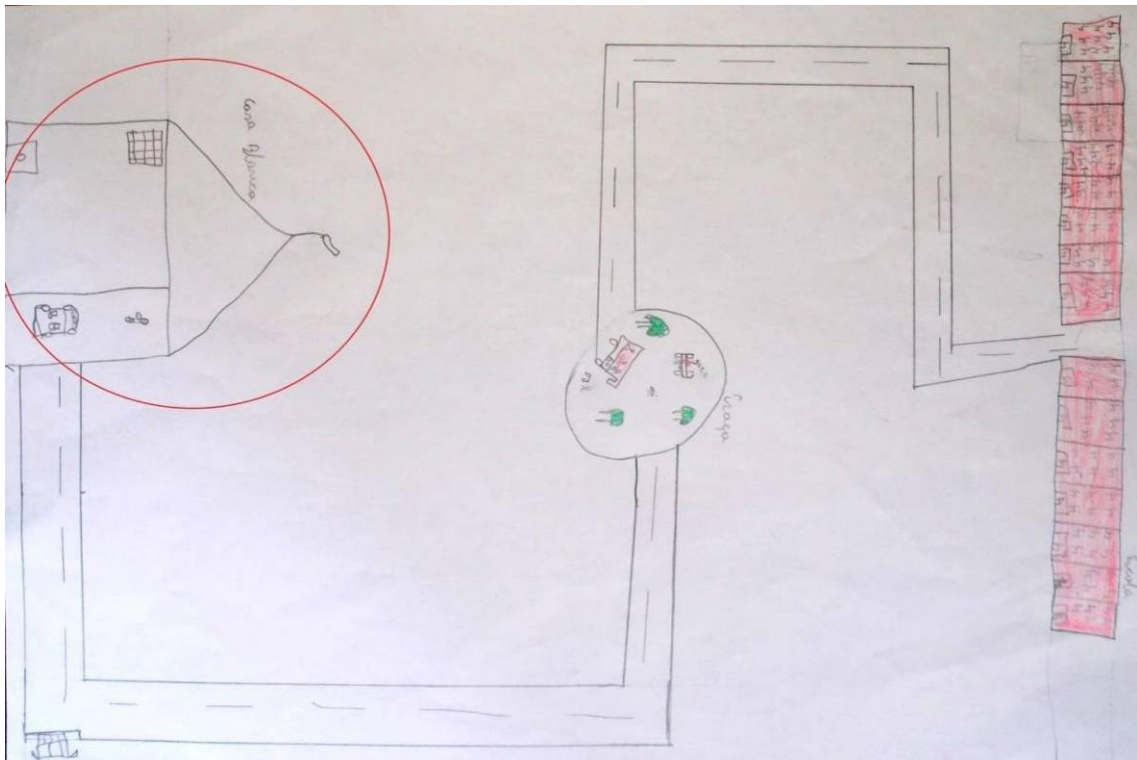
A sorveteria representada em 4 desenhos, localiza-se na praça. Tal sorveteria é a primeira da cidade, os produtos são de fabricação própria, são deliciosos e consumidos durante todo ano. O destaque dado a ele nos desenhos é devido ao consumo que está atrelado às condições de tempo quente que são constantes na cidade. Outro aspecto que pode ter levado a representação deste elemento, é o costume de ir à praça passear e tomar sorvete, FIGURA 6 e 7.

O supermercado que apareceu nos mapas é o maior supermercado da cidade, que se localiza no topo da área central. Este espaço construído para reprodução do capital, também é o supermercado mais freqüentado da cidade. Transforma-se em um lugar, pois é onde parte da população realiza as compras mensais. Os alunos se relacionam com o supermercado como um lugar de comprar os alimentos que compõe a alimentação diária, além dos cheiros advindos da padaria do supermercado que invade os corredores.

A igreja, representada na FIGURA 8, também faz parte da praça, apareceu em 8 desenhos, mesmo não sendo a maioria representa um significado muito importante. A questão religiosa é algo muito forte na cidade, durante todo ano acontecem festividades relacionadas a programação geral de todas as dioceses. Além disso, ocorrem as novenas e festas relacionadas com os padroeiros da cidade, que são três, São Sebastião, Santo Antônio e São João Batista. Ainda paralelo a questão religiosa estão os grupos de jovens relacionados à igreja, que muitos dos alunos participam. Um deles é o Encontro de Adolescentes com Cristo/EAC.

O Conservatório Estadual de Música apareceu no desenho de duas meninas. Este lugar foi construído com o intuito de oferecer gratuitamente formação musical a crianças, jovens e adultos. Além de ser um espaço para produção de cultura, torna-se um lugar a medida que os alunos se envolvem com a música, que também pode ser uma paixão e atribuem sentimentos ao ambiente. O campo de futebol apareceu nos desenhos de dois meninos. O campo de futebol pode tornar-se um lugar de encontro, aprendizagem e lazer. Os alunos gostam de jogar futebol, o campo é um lugar de encontro com os colegas para o lazer. E um lugar de aprendizagem no caso dos campos que são escolinhas de futebol, FIGURA 5.

FIGURA 2: CASA BRANCA



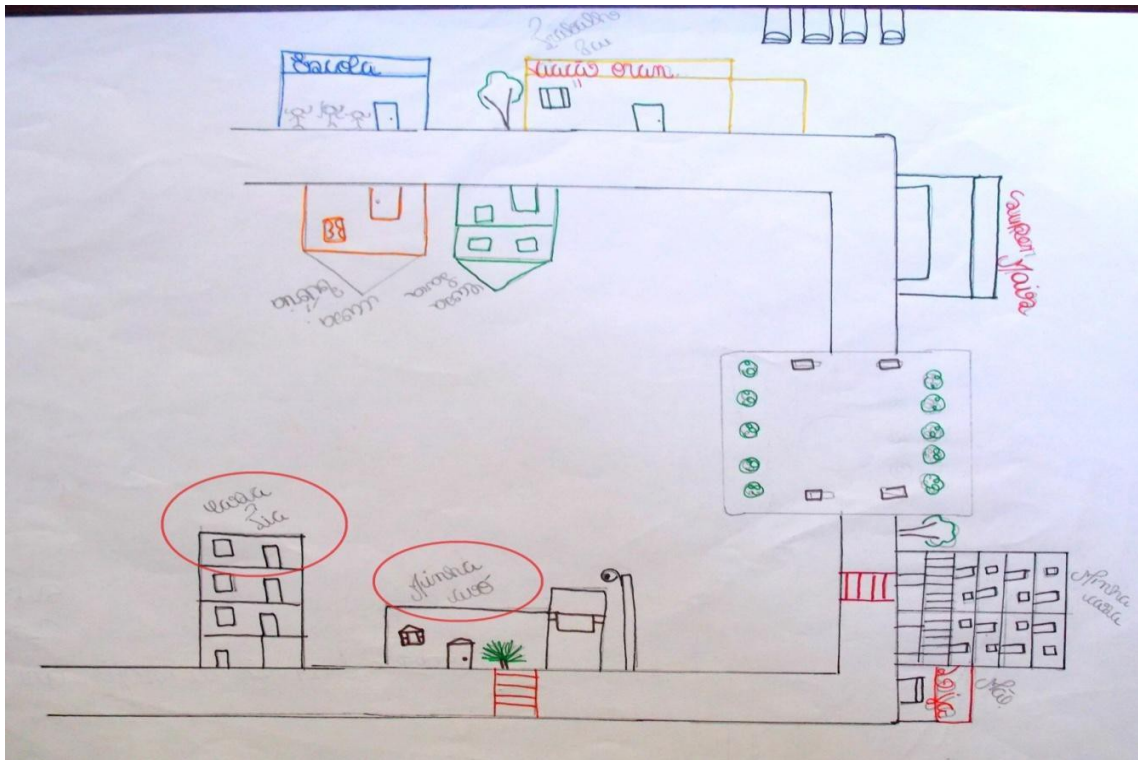
FONTE: COD-20M

FIGURA 3: "LAR" COMO LUGAR



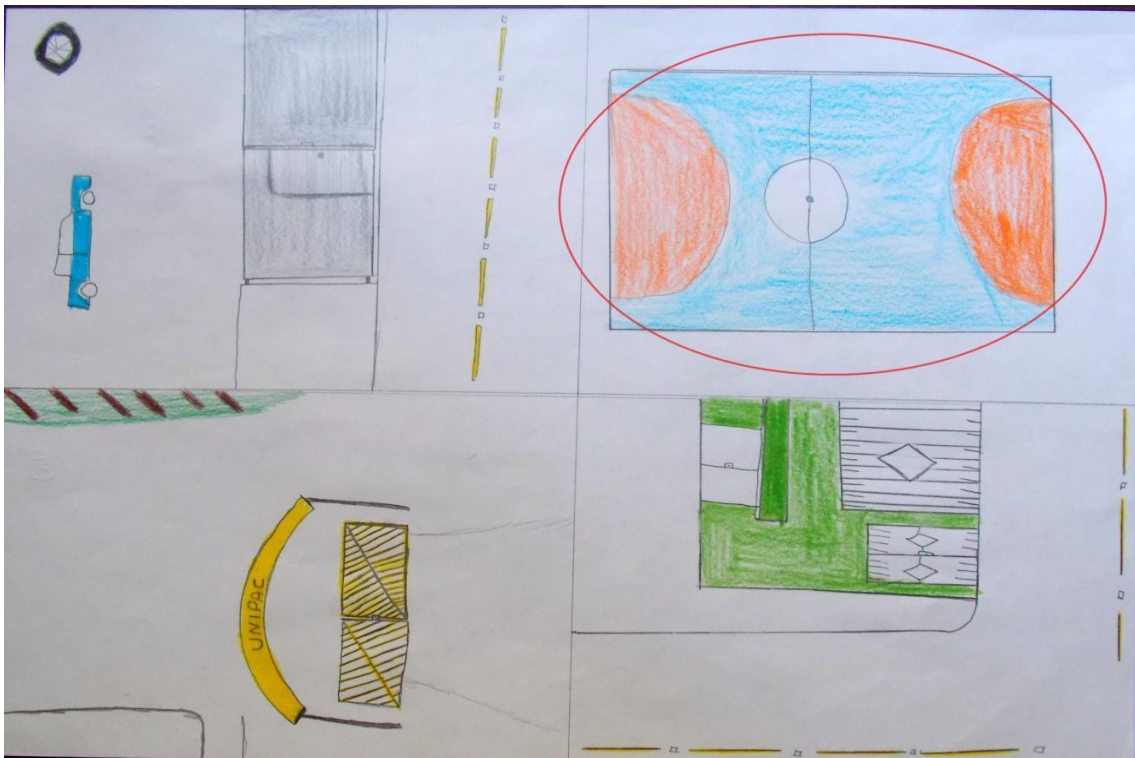
FONTE: COD-2F

FIGURA 4: CASA DE ALGUM PARENTE



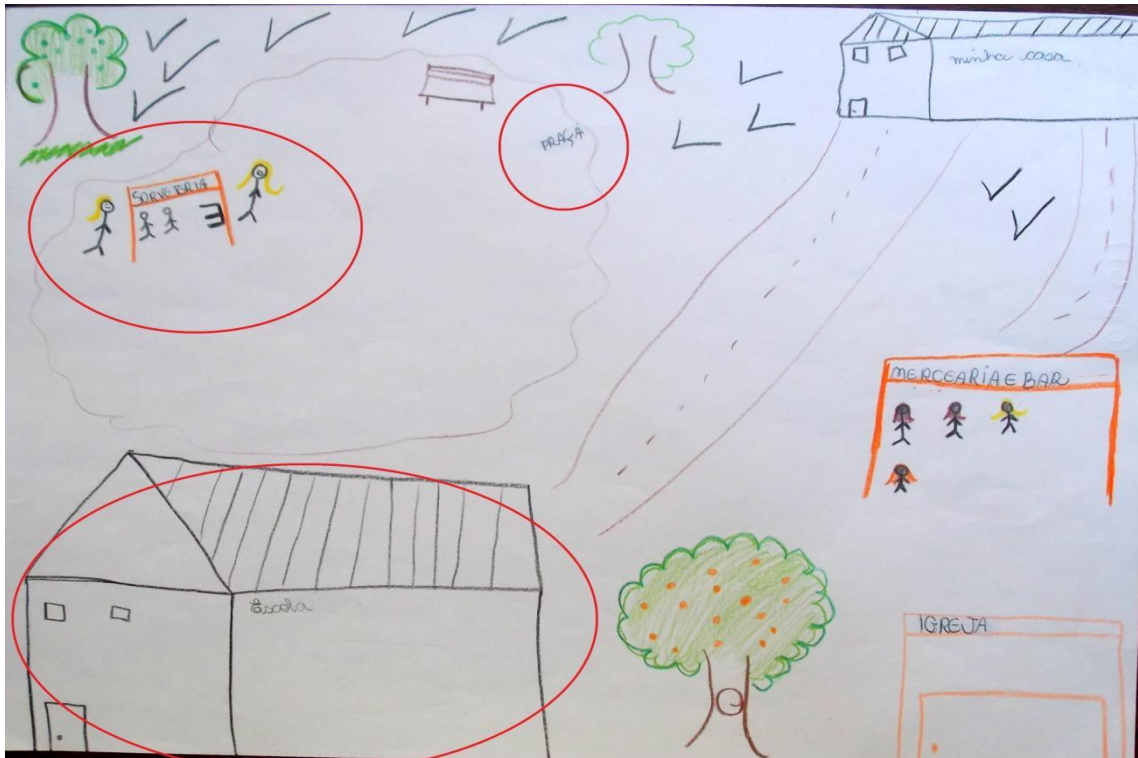
FONTE: COD-24F

FIGURA 5: CAMPO DE FUTEBOL



FONTE: COD-28M

FIGURA 6: ESCOLA, PRAÇA E SORVETERIA



FONTE: COD- 18M

FIGURA 7: ESCOLA, PRAÇA E SORVETERIA



FONTE: COD- 8M

FIGURA 8: IGREJA



FONTE: COD- 5F

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é importante considerar algumas questões. Os alunos apresentaram dificuldade para construir o mapa. Isso ocorreu porque eles não têm costume de realizar atividades desse tipo, que os leve a construir algo.

Podemos observar que mesmo antes dos alunos terem contato com o conceito fizeram uma excelente representação do que significava o lugar. Os elementos representados pelos alunos estavam pautados num leque de relações que eles estabelecem com o espaço que o fazem tornar-se lugar. Com isso, o mapa mental serviu como uma importante ferramenta no sentido de fazer com que os alunos representassem as rotineiras cenas do cotidiano, que passam despercebidas se não for observada dessa forma.

A explicação sobre o conceito de lugar de acordo com o saber escolar veio apenas alertar aos alunos sobre o como e porque os elementos que eles representaram são lugares, mas inconscientemente eles já sabiam disso, apenas não tinham ainda utilizado a lente geográfica para observação do espaço.

Isto posto, a questão **FONTE: COD2014-23F** devemos buscar outras formas de tornar o ensino uma verdadeira aprendizagem, e não apenas algo que é “decorado” para obter aprovação. Logo, se o que buscamos e estudamos ao longo da trajetória acadêmica é uma formação para libertação, devemos seguir este ideal e estendê-lo aos nossos futuros alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. D. (Org.) . Cartografia Escolar. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007. v. 1. 224p .

ARCHELA, R. S. ; GRATAO, L. H. B. . O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. Geografia (Londrina), Londrina, v. 13, n.1, p. 133-149, 2004.

CAVALCANTI, L. S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 16ª Ed. Campinas – SP: Papyrus, 1998.

GOMES, P. C. C. O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. v. 1. 319p .

LEITE, A. F. . O Lugar: duas acepções geográficas. Anuário do Instituto de Geociências (UFRJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 21, p. 8-19, 1998.

NOGUEIRA, A. R. B. . Mapa Mental: Recurso didático para o estudo do Lugar. In: Pontuschka, Nídia e Oliveira, Ariovaldo. (Org.). Geografia em Perspectiva. 1ed.São Paulo: Editora Contexto, 2002, v. , p. 125-133.

OLIVEIRA, L. . Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: Francisco Mendonça; Salette Kozel. (Org.).

RICHTER, D. . O mapa mental no ensino de Geografia: concepções e propostas para o trabalho docente. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 270p .

RICHTER, D. . Um olhar para os mapas mentais: os percursos e suas leituras do espaço. In: Maria Adailza Martins de Albuquerque; Joseane Abílio de Souza Ferreira. (Org.). Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão. 01ed. João Pessoa: Editora Mídia, 2013, v. 01, p. 183-218.

STRAFORINI, R. . Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2004. v. 1. 188p.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.